

Roberto Machado: a arte, a filosofia, o amor pela vida

Viviane Mosé*

Resumo: Trata-se de um relato pessoal da relação entre o discípulo e seu mestre, pelo qual se enfatiza o vínculo entre Roberto Machado e a vida, seu gosto pelo acontecimento, suas aulas. Do amor de Roberto Machado pela arte, pela literatura, pela filosofia, pelo conhecimento. De como se conheceram; o momento histórico, as lutas; a orientação da monografia de graduação, da dissertação de mestrado e da tese de doutorado. A convivência, a admiração, a imensa sabedoria do Mestre. Daquilo que ele deixa, os seus livros, a sua história, a saudade.

Palavras-chave: Roberto Machado, filosofia, vida, arte, aulas, testemunho, saudade.

Foi o amor pela vida e o vínculo entre conhecer e viver que me aproximou de Roberto Machado. E de algum modo o aproximou de mim. Sempre gostei de estudar, e este gosto veio acompanhado de muita alegria. Foi com os meus pais nas conversas na hora do almoço, nas festas em casa, sempre cheia de amigos e muitos assuntos, debates acalorados – afinal estávamos no Regime Militar – que aprendi o gosto pela vida e pelo conhecimento. O valor maior em minha casa foi sempre viver; viver bem, com amigos, plantas e bichos de estimação. Durante a semana importava trabalhar, estudar, as notas tinham que ser boas, mas nos fins de semana as festas eram em nossa casa; pequenas, médias ou grandes festas; no mínimo entre nós, uma comida especial, um disco novo.

A vida que eu trazia de casa, o conhecimento barulhento, vivo, era também o que eu via transbordar nas explanações intensas, provocadoras, de Roberto Machado e isso de certo modo nos aproximou. Depois vi que que esta intensidade de vida também estava presente em seus gestos: em suas incursões de bicicleta, no frescobol na praia, nas festas em sua casa, no interesse pela vida dos amigos, por aquilo que estavam fazendo no momento. Me encantava como Roberto vivia o instante. Ele amava a vida. E procurou viver intensamente este amor.

Sempre acompanhado de belas mulheres, Roberto era um homem charmoso, com uma bela voz e muitas palavras na boca. Muita arte, literatura, histórias interessantes pra contar. Ele amava as mulheres, as adorava. E as respeitava profundamente. Posso dizer isso de cadeira. Ele sempre me impulsionou adiante, mesmo quando eu ainda não sabia que podia. Eu era uma mulher jovem e bonita, estivemos muitas vezes juntos, mas nossa relação nunca foi além da admiração e da amizade. Roberto sempre foi muito respeitoso e querido comigo. Foi antes de

* Doutora em Filosofia pela UFRJ. Contato: moseviviane@gmail.com

tudo o meu mestre, e, mesmo tendo se tornado um amigo, em uma determinada época de nossas vidas, eu nunca deixei de ser uma aluna diante dele, tamanha admiração que sempre tive por sua pessoa. E respeito.

Batíamos uma excelente bola em sala de aula. Me lembro de quando estudamos o livro *Sujeito e perspectivismo*, do português Antônio Marques, e de como este livro nos levou a *Kant*. Tínhamos que vencê-lo em cada linha. Estudamos minuciosamente *A analítica do belo*, acompanhados pela turma de excelentes alunos e orientandos que sempre se reunia em torno dele. Jamais vou esquecer as maravilhosas aulas em que lemos a *Ilíada* inteira. Estudamos, junto com diversos Helenistas, o que continha em cada Canto. O prazer com que Roberto conduzia aquelas aulas era imenso. Posso vê-lo com as mãos erguidas, entusiasmado com *O nascimento do Trágico* e as delícias que aquele texto nos proporcionava. Estas aulas sempre geravam excelentes conversas no retorno para casa.

Sempre muito generoso e correto, Roberto adorava quando eu encontrava uma saída para uma questão que estávamos trabalhando em aula. E eu às vezes encontrava porque me sentia extremamente estimulada e estudava muito por isso. E ele sempre reconhecia o meu mérito, o meu esforço. Com pouquíssimas palavras, mas sempre reconhecia. Durante seis, sete anos, vivi para isso, virava noites estudando. Foram os anos mais intensos de minha vida. Vigorosos, mas muito difíceis. A vida acadêmica é árdua, árida. E eu tinha acabado de chegar ao Rio, não conhecia quase ninguém. O mestrado era quase tudo o que tinha. Me deliciava nas aulas sempre tão bem preparadas, transbordando conteúdos claros, ordenados, sofisticadamente trabalhados em muitas horas de dedicação.

Convivemos muitos anos, alguns bem de perto. Roberto morava no alto da Rua Lopes Quintas e eu logo que cheguei ao Rio morava no Horto, ambos no Jardim Botânico, pegávamos o mesmo ônibus, o 409, e o metrô em Botafogo. Geralmente íamos separados para o IFCS, no Centro do Rio, mas quase sempre voltávamos juntos, conversando sobre tudo. Vinham outros amigos, que iam descendo e a gente ficava até o fim do trajeto. Eram momentos incríveis. Passava a semana me preparando para esta aula de terça. Até hoje as terças são meus dias favoritos.

Quando eu faltava uma aula, o que era muito raro, Roberto me ligava, na época nos ligávamos. “Senti sua falta na aula hoje”, ele dizia com ar de repreensão. “O que houve?” Depois ele montou um grupo de orientandos, que se reunia uma vez por semana em sua casa. O grupo funcionou durante um bom tempo. Cada semana um de nós, éramos uns oito, apresentava um texto que era lido e debatido na hora. Era muito desafiador se expor aos colegas e a ele em voz alta. E ouvir o retorno, ali, na hora, diante de todos.

Dali muitas vezes saí com os olhos cheios d'água. Mas nunca senti raiva dele, não havia sequer uma gota de maldade ou desrespeito por nós no que ele fazia. Ao contrário, suas críticas eram generosas, se dirigiam ao que estávamos nos propondo fazer, então que fosse o melhor. O nosso melhor ele queria. Nem todo mundo entendia. Eu sim. Era uma tensão imensa, uma angústia enorme, mas dali saiu a base do que escrevi em minha tese de doutorado, hoje publicada com o título: *Nietzsche e a grande política da linguagem*¹.

Como conheci Roberto? Era década de 80, no Brasil discutíamos a abertura política, as eleições diretas, a anistia, a redemocratização do país. O movimento estudantil liderava os debates, as passeatas, as manifestações de rua. Desde os primeiros dias na Universidade minha vida foi de militância política. Comecei a me tornar ativista no ensino médio, com uma amiga, a Simone Vidigal, que era comunista. Ela era filha de um amigo do meu pai. A Universidade nessa época fervilhava, passávamos dias e noites lá, estudando, pensando, vivendo aquela ebulição cultural e artística.

Nietzsche veio a mim no primeiro dia de aula na Universidade Federal do Espírito Santo, tinha acabado de fazer 17 anos, o professor de tamancos e cabelo comprido falava da história da filosofia e contrapunha o racionalismo Cartesiano do *Penso, logo existo*, com a inversão existencialista do *Existo, logo penso*, e tinha Nietzsche como uma das referências. Fiquei absolutamente chocada com tudo aquilo, em estado de êxtase, o pensamento tem muitas camadas eu pensava, queria conhecê-las. Me tornei monitora de filosofia e comecei a estudar sistematicamente Nietzsche, agora com o professor Nelson Lucero, que acabara de ser concursado e que me orientou em meu primeiro artigo acadêmico com o título *Nietzsche, Artaud e a arte*.

Neste momento, aos 20 anos, eu me considerava uma nietzschiana convicta, tinha abandonado o movimento estudantil e ajudado a criar a *Turma do Ócio*. Um bando de artistas que fazia performances no restaurante universitário e arredores, falando de arte e ecologia, meio ambiente. Havia saído da casa dos meus pais e morava com o namorado em uma casa à beira mar em Manguinhos, uma vila habitada por artistas, intelectuais. Fazíamos parte de um grupo de teatro, o *Balé Teatro Pânico*. Era quase o paraíso. Foi aí que conheci o professor Roberto Machado. Digo tudo isso, porque esta *cena originária* permeou todo o meu convívio com Roberto. Ele sempre se referia a esta época, especialmente quando os dias no Rio estavam difíceis: *você sente saudade daquela época? Algumas vezes me perguntava. E os amigos, ainda os vê? Foram dias incríveis.*

¹ MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

Roberto estava lançando o seu livro *Nietzsche e a verdade*, e, a convite do nosso departamento de Psicologia da UFES, veio participar de um simpósio conosco. Quando entrei na sala ele já estava falando. Era um auditório aconchegante, onde funcionava o Cineclube Universitário, as paredes já tinham o ar de cinema alemão, um pouco da França de Jean-Luc Godard, e tudo isso se misturava à fala daquele homem lindo, dizendo aquelas coisas incríveis, as mãos que se moviam de um jeito que eu nunca havia visto. Ele parecia trazer com sua voz firme, pausada, tudo aquilo que eu havia conhecido apenas em livros e filmes, mas tudo com ele parecia real. Então ele havia conhecido, convivido com Michel Foucault, e tantos outros intelectuais em Paris: tudo aquilo saía de sua boca, de suas mãos. O que ele trazia era o rompimento dos impedimentos morais que ainda vivíamos, inclusive institucionais, e a busca pela liberdade de pensamento.

Era fim do regime militar, início da redemocratização do país, tínhamos sede de mudança. Roberto trazia um pensamento libertador, ainda marcado por maio de 68 na França. A partir dali meus amigos e mais um bando de gente passou a seguir Roberto por todo lado, sua fala foi uma profusão de vida, de alegria, de intensidade, mas sempre com muita maestria, exímio rigor acadêmico, era assim que se manifestava. Ninguém falava em outra coisa depois que ele foi embora. Nesse dia eu decidi que aquele era o universo onde eu queria viver, para sempre. Eu quero ser como ele, pensei. Quero fazer o que ele faz.

Depois da conferência, todos foram para um bar, com ele, para comemorar, menos eu, eu fui embora lentamente, caminhando por aquelas trilhas entre os prédios do Campus Universitário, peguei meu ônibus e tudo era diferente agora, eu sabia o que queria, eu sabia para onde ir. Naquele dia eu conheci o meu Mestre. A partir dali foram várias idas do Roberto, sempre acompanhada de passeios, festas; ele deixou muitas sementes plantadas ali, além de mim, deixou sua marca em nosso Departamento de Psicologia, e em nossa Universidade.

Nessas idas dele, passamos a conviver um pouco mais, mostrei meu artigo de graduação em que estava trabalhando, e ele passou a me dar algumas orientações. Cheguei a ir ao Rio, andamos pelo Jardim Botânico enquanto ele falava de Nietzsche. Mas o que ele sempre queria saber, e sempre gastava um tempo conversando comigo era, e *Vitória? E sua vida lá? E o grupo de teatro?* Ele se interessava por tudo o que dizia respeito à cidade de Vitória, sobre essa vida que tanto o havia encantado, e onde ele havia deixado muitos amigos.

Muitas coisas aconteceram nos anos seguintes, ficamos um tempo sem nos ver ou falar, uns cinco anos, mas ele sempre me mandava um exemplar dos livros que lançava. Em 1991 eu decidi assumir o caminho da Filosofia, prestei concurso pro mestrado na Universidade Federal

do Rio de Janeiro e assim que passei liguei para Roberto, ele ficou muito feliz e eu fiquei feliz com o tanto que ele ficou feliz.

A partir daí foi um período deslumbrante em minha vida, eu estava onde queria estar, estudando com dedicação exclusiva as questões que me interessavam pensar, e estava tão bem recebida. Roberto sabia da minha disciplina, por isso se alegrou, sabia que eu daria conta do árido desafio, como deveria ser: muitas noites insones debruçada nos livros, imensas angústias diante da página em branco, até tirar dali o melhor de mim, e ele tirava sempre o melhor de mim.

Muitas vezes, meio na brincadeira, ele me perguntava por que eu estava na filosofia se escrevia poemas. Se a arte é superior ao pensamento conceitual, por que se debater naquelas questões tão duras em exigências acadêmicas tão árduas, íngremes? Nós dois sabíamos a resposta. O universo do pensamento é fascinante, tanto quanto o da poesia, da literatura. Construir corpos conceituais e os manter de pé. Especialmente se são vazados como são as palavras, é quase um milagre. Uma obra de arte, se não fosse a pretensão de verdade. E esta afinal era a nossa cachaça, como gostava de dizer.

Cito um dos mais belos trechos de Nietzsche, em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, sobre esta beleza que o pensamento nos proporciona:

É necessário aqui admirar o humano em virtude de ser um gênio poderoso da arquitetura que consegue erigir, sobre fundamentos moventes e de certa forma sobre a água corrente, uma cúpula intelectual infinitamente complicada: na verdade, para encontrar um ponto de apoio sobre tais fundamentos, é necessário que seja uma construção como se fosse feita de teias de aranha, suficientemente fina para ser transportada com as ondas, suficientemente sólida para não ser dispersada pelo sopro do mais pequeno vento. Em virtude de ser um gênio da arquitetura, o homem eleva-se muito acima da abelha: esta constrói com a cera que recolhe da natureza, ele com a matéria bem mais frágil dos conceitos que apenas deve fabricar a partir dele próprio. Aqui é preciso admirá-lo bastante.

Roberto foi um desses humanos admiráveis, que trabalhou com corpos conceituais extremamente elaborados e contribuiu com a sua sofisticação e qualificação. Vivemos hoje uma guerra da informação, a pulverização do valor das instâncias de qualificação da informação, nesta era da pós verdade. Vivemos uma transição difícil entre os modelos verticalizado e o horizontalizado, em rede. Mais do que nunca, o debate sobre a questão da verdade, sua genealogia, assim como o trabalho minucioso de comentadores como Roberto Machado, são imprescindíveis, para que não se perca o pensamento em relativismos superficiais e vazios.

Considero todos os livros do Roberto Machado verdadeiras obras primas, de clareza, sofisticação, e ao mesmo tempo de simplicidade. Claro, uma simplicidade possível

considerando a altura das complexas articulações de sentido com que trabalhava. Alguns livros são um presente para quem pesquisa academicamente, como, por exemplo, *O Nascimento do Trágico*, ou *Michel Foucault, Ciência e Saber*. Outros são mais ousados como *Zaratustra, uma tragédia nietzschiana*, onde ele relaciona o *Zaratustra* a uma ousadia literária do Nietzsche. Mas o livro que mais me marcou e eu quero comentar aqui foi e ainda é *Nietzsche e a verdade*.

Um livro aparentemente simples, mas que carrega em cada frase toda complexidade do pensamento nietzschiano. Cada parágrafo deste livro, cada capítulo é carregado de conteúdo, muitas frases estão por traz de cada frase. Quanto mais fui estudando a obra de Nietzsche, mais fui entendendo o que este livro carregava; em outras palavras, trata-se de imensa capacidade de síntese, sem abrir mão do rigor.

Logo na Introdução, Roberto nos oferece um resumo do livro, que se basta por si só, dizendo em poucas palavras o que quer em cada parte, cada capítulo. O livro, enfim, faz um recorte em toda a obra, traçando minuciosa e sinteticamente os diversos momentos em que a questão do conhecimento, da verdade, era tratada em Nietzsche. Vivemos a época da pós verdade, nada mais necessário do que esta genealogia da verdade ressaltada por Roberto em seu livro.

“O ponto central da reflexão de Nietzsche, aquilo para o qual tudo converge, é a questão da verdade e da ciência”, ele diz. O que concordo plenamente, a questão da verdade é o eixo estruturante da crítica nietzschiana, assim como sua afirmação. A crença na verdade sustenta o niilismo, se pensamos que o cristianismo é um platonismo para o povo. Ao mesmo tempo, a desconstrução da ideia de verdade, com a substituição da verdade pela vida como princípio de avaliação, é o que torna possível a grande afirmação: a transvaloração de todos os valores. O que, por sua vez, possibilita um campo de forças onde diversas perspectivas combatem. Não mais a verdade, mas a diferença.

O livro está organizado em três partes. Inicialmente relaciona *Arte e Ciência*, mostrando que há uma oposição entre elas, que são incompatíveis, para a seguir relacionar *Ciência e Moral*, mostrando que aqui, ao contrário, há uma continuidade. Concluir que a arte é mais importante que a ciência, já que a arte expressa uma superabundância de forças: remete aos instintos fundamentais; e a moral ao contrário atesta uma deficiência de forças, remete a instintos mais fracos. Por fim, vai tratar da relação entre *Verdade e Valor*, considerando a verdade a partir da vida, com a afirmação da vida como Vontade de Potência.

Este passeio pela obra acontece com a segurança de um Mestre. Ler Roberto Machado é navegar em um terreno firme, as belas sínteses que apresenta em seus livros são sempre produto de muito trabalho e rigor. Roberto deixa em seus livros a marca do tempo de vida que

colocou em cada palavra escrita, e que agora fica como impressão do seu gesto no mundo. Um belo gesto. Os seus livros são um presente para quem ama o pensamento, o conhecimento. E para quem acima de tudo ama a vida.

Não há quem me conheça que não tenha ouvido o nome Roberto Machado. Agradeço a ele sempre por tudo o que sou. Roberto me deu a mão, me incentivou, me apoiou e me criticou duramente. Me fez chorar muitas vezes, de frustração, de cansaço, mas me preparou para as batalhas mais difíceis. Se você passar por mim, ele dizia, a mim e aos orientandos, ninguém mais vai te derrubar. Sim, difícil encontrar alguém mais rigoroso do que ele.

Estava grávida de sete meses quando defendi o Doutorado. Já não nos víamos tanto. A maternidade acabou me afastando um pouco de tudo. E logo fui convidada para fazer um quadro de Filosofia no programa *Fantástico* da TV Globo. Quase não aceitei porque sabia que aquela escolha era o oposto daquilo que estávamos construindo para mim. De uma carreira acadêmica para uma trajetória nos meios de comunicação de massa. Sabia que ele não aprovaria. Não cheguei a perguntar. Apenas fui me afastando. Na verdade, parei por um tempo de citá-lo e acessá-lo, não queria que minha escolha arriscada o envergonhasse. Não sabia o que resultaria de tudo aquilo. Nunca chegamos a conversar abertamente sobre isso.

Muitas dores, muitos cortes nos exige a vida. Muitas vezes a única coisa que nos resta é seguir adiante. E fui seguindo. Lidando com as portas que se abriam porque eram as que eu tinha. Sempre tentei manter o rigor que aprendi com Roberto. Infelizmente nem sempre foi possível. A última vez que o vi foi num palco, ele lançava o seu último livro sobre Michel Foucault, que belo livro. Andava de um lado para outro enquanto falava da alegria de estar ali, naquele palco, e de como o caminho da arte e da literatura, e não o da filosofia, o estava atraindo. Ele estava feliz. O teatro estava lotado, muitos artistas famosos, muitos intelectuais. Todos o aplaudiram de pé, entusiasmados. Com o imenso rigor que tinha em tudo o que fazia, demorou para ter coragem de subir naquele palco como artista que era. Ele estava disposto a enfim viver livremente, do modo que sempre quis. Infelizmente foi por pouco tempo.

Nos falamos rapidamente na saída. Antes de tudo por timidez. Roberto sempre representou muito para mim, depois de tantos anos, nas poucas vezes que o via, ficava sem saber o que dizer. Talvez dissesse: não sei se escolhi o caminho certo, talvez não. Mas foi o que pude. Não poderia imaginar que aquela era a última vez que o veria. Nunca sequer imaginei que pudesse um dia morrer. E não morrerá. O seu rastro será seguido pelas gerações posteriores como eram cantados os heróis da *Ilíada* em sua imortalidade literária. No que depender de mim, serei para sempre alguém que vai ressaltar o valor de sua vida e sua obra.

Em uma de nossas conversas, citei um texto do Jorge Luiz Borges no livro *O Fazedor*, que tinha me encantado, era dedicado a *Delia Elena San Marco*, e ele conhecia. Hoje dedico ao meu Mestre, com saudade e amor.

Despedimo-nos numa esquina do Once

Da outra calçada tornei a olhar; você se tinha virado e dava-me adeus com a mão.

Um rio de veículos e de gente corria entre nós; eram as cinco de uma tarde qualquer; como iria eu saber que aquele rio era o triste Aqueronte, o insuperável.

Não nos vimos mais, e um ano depois você tinha morrido.

[...] Delia: um dia continuaremos – junto de que rio? – este diálogo incerto e nos perguntaremos se alguma vez, numa cidade que se perdia numa planície, fomos Borges e Delia.

Recebido em 06/12/2021

Aprovado em 26/03/2022